

GLOBAL STUDY ON HOMICIDE

2013

SUMÁRIO EXECUTIVO

Através de um filtro de dados que parte do global para o nível subnacional, o *Estudo Global sobre Homicídios 2013* dá uma visão abrangente sobre a prática do homicídio doloso em todo o mundo. Como este tipo de crime é um dos indicadores mais comparáveis e precisos para a medição da violência, o objetivo deste trabalho é melhorar a compreensão sobre a violência criminal, fornecendo informações detalhadas sobre a intensidade e o local onde ocorrem os homicídios, vítimas potenciais, por que estas pessoas estão em risco e exatamente como perdem suas vidas. Além disso, a comparação de padrões de homicídios ao longo do tempo lança luz sobre as diferenças regionais, especialmente quando se analisam as tendências de longo prazo.

No momento em que a comunidade internacional prioriza a agenda de desenvolvimento pós-2015, a ligação entre violência, segurança e desenvolvimento, no contexto mais amplo do Estado de Direito, é um fator importante a ser considerado. Como o seu impacto vai além da perda da vida humana e cria um ambiente de medo e incertezas, o homicídio doloso e o crime violento são uma ameaça para a população. Portanto, dados sobre homicídios podem desempenhar um papel importante no monitoramento da segurança e da justiça.

Da mesma forma, dados sobre homicídios permitem que comunidade internacional compreenda melhor a complexidade do homicídio e das diferentes maneiras como ele afeta a população, razão pela qual este estudo investiga profundamente a própria natureza de homicídio doloso. Ao fazê-lo, ele postula uma tipologia única de homicídio: homicídio relacionado a outras atividades criminosas; homicídio interpessoal; e homicídio sociopolítico. A influência de fatores transversais, tais como os mecanismos usados para provocar a morte e o uso de substâncias psicoativas (álcool e drogas ilícitas), também é examinada, a fim de obter uma melhor compreensão do papel que eles desempenham na violência letal.

Esta análise vai ajudar os governos a desenvolver estratégias e políticas para proteger os grupos de risco e lidar com aqueles que estão mais propensos a cometer o crime. Para isso, a resposta da justiça dos países ao homicídio também é analisada aqui pela primeira vez, assim como é abordada a violência em países emergentes de conflito, onde a violência relacionada

com o crime e com questões interpessoais pode ser tão devastadora quanto a violência relacionada ao próprio conflito.

A crescente disponibilidade de dados subnacionais também ampliou a capacidade deste estudo para mostrar variações, que são muitas vezes marcadas pela intensidade dos homicídios no interior dos países, e permitiu a identificação de locais com maior incidência desse crime, que justificam um maior acompanhamento, tanto no interior dos países quanto nas sub-regiões. Este levantamento mostra que a análise do homicídio doloso é, em grande medida, o estudo de contrastes. Por exemplo: quase a metade de todos os homicídios ocorre em países que compõem pouco mais de um décimo da população mundial; cerca de 95% dos homicidas em nível global são do sexo masculino; homens também são vítimas de quase 8 em cada 10 homicídios; dois terços das vítimas de homicídios cometidos por parceiros íntimos ou membros da família no mundo são do sexo feminino; e metade de todas as vítimas de homicídio globais tem menos de 30 anos de idade.

A polarização do homicídio

Em 2012, o homicídio doloso causou a morte de quase meio milhão de pessoas (437 mil) em todo o mundo. Mais de um terço dos homicídios (36%) ocorreu nas Américas, 31% na África e 28% na Ásia, enquanto a Europa (5%) e a Oceania (0,3%) representaram os menores índices de homicídio no nível regional.

A taxa média de homicídios global é de 6,2 por 100 mil habitantes. O sul da África e a América Central têm taxas mais de quatro vezes maior que a média global (acima de 24 vítimas por 100 mil habitantes), tornando-as as sub-regiões com os mais altos índices de homicídios registrados, seguidas pela América do Sul, África Central e o Caribe (entre 16 e 23 homicídios por 100 mil habitantes). Enquanto isso, com taxas cinco vezes menores que a média global, a Ásia Oriental, o sul da Europa e a Europa Ocidental são as sub-regiões com os índices mais baixos de homicídio.

Quase três bilhões de pessoas vivem em um grupo crescente de países com taxas de homicídio relativamente baixas, muitos dos quais, particularmente na Europa e Oceania, experimentam, desde 1990, uma diminuição em suas taxas de homicídios. No extremo oposto da escala, quase 750 milhões de pessoas vivem em países com altos níveis de homicídios, o que significa que quase a metade do total de homicídios ocorre em países que compõem apenas 11% da população mundial e onde a segurança pessoal ainda é uma grande preocupação para pelo menos uma em cada 10 pessoas no planeta.

Existe uma distância cada vez maior nos níveis de homicídio entre países com altas taxas de homicídios e aqueles com baixas taxas de homicídios. Notam-se disparidades em homicídios dentro de regiões e de sub-regiões, já que países individuais seguem caminhos diferentes ao longo do tempo. Por exemplo, as taxas de homicídio na parte sul da América do Sul estão mais próximas das taxas relativamente baixas registradas na Europa, enquanto as taxas no norte da sub-região estão mais próximas das taxas relativamente elevadas registradas na América Central. Da mesma forma, no nível subnacional, a cidade mais populosa na grande maioria dos

países geralmente registra taxas de homicídio mais altas do que outros lugares, com notáveis exceções observadas em alguns países da Europa Oriental.

Certas regiões e sub-regiões apresentam altos níveis de homicídio constantes. Isto é particularmente notável na América, onde os níveis de homicídio têm sido altos, e, em alguns casos, aumentaram ao longo da última década. Mas este não é um novo padrão, já que, desde meados da década de 1950, a América tem registrado taxas de homicídio de 5 a 8 vezes maiores do que a Europa e a Ásia. A persistência dos elevados níveis de homicídio na América é o legado de décadas de violência política e da violência tipicamente relacionada ao crime, o que tem dificultado um declínio nos níveis de homicídios em determinados países. No entanto, os índices de homicídios em alguns países das Américas, como o Brasil, estão agora se estabilizando, embora em um patamar ainda elevado, enquanto em outras regiões, países historicamente com altas taxas de homicídio, como África do Sul, Lesoto, Federação Russa e países em Ásia Central, estão conseguindo quebrar o ciclo de violência e registram decréscimos em suas taxas de homicídio.

No extremo oposto do cenário, em países com alguns dos menores índices de homicídios do mundo, a maioria localizada na Europa e na Ásia Oriental, os níveis de homicídios continuam a diminuir. Muitos desses países já tinham baixos níveis de homicídio em 1995 e, posteriormente, registraram quedas contínuas em suas taxas de homicídio. Por outro lado, um fato preocupante é que os níveis de homicídios no norte da África estão aumentando, provavelmente como resultado da violência política, que promove violência letal relacionada a atividades criminosas, com necessidade de monitoramento. O mesmo pode ser dito para partes do sul da Ásia e da África Oriental.

Viés de gênero

A polarização não existe apenas no local em que ocorre o homicídio, mas também no gênero de suas vítimas e agressores. No contexto das relações familiares e com parceiros íntimos, as mulheres estão muito mais em risco do que os homens, ainda que 79% de todas as vítimas de homicídio globalmente sejam do sexo masculino. Além disso, cerca de 95% dos autores de homicídios em nível global também são do sexo masculino: uma cota que é consistente em todos os países e regiões, independentemente da tipologia de homicídios ou da arma utilizada.

A taxa de homicídio masculina global é quase quatro vezes maior do que a de mulheres (9,7 contra 2,7 por 100 mil) e é mais alto na América (29,3 por 100 mil homens), onde é quase sete vezes maior do que na Ásia, na Europa e na Oceania (todos com menos de 4,5 por 100 mil homens). Em grande medida, isto ocorre devido ao fato de que os níveis mais altos de homicídios relacionados com o crime organizado e com gangues ocorrem na América quando comparados a outras regiões. O dado de que 43% de todas as vítimas de homicídio têm entre 15 e 29 anos revela que pelo menos uma em cada sete do total de vítimas de homicídios no mundo é um homem jovem com idade dentre 15 e 29 anos, vivendo nas Américas. Existe um viés regional e de gênero em relação às vítimas do sexo masculino em homicídio relacionado a crime e gangues organizadas, mas o homicídio interpessoal praticado por parceiros ou

familiares é muito mais uniformemente distribuído entre as regiões e é, em média, notavelmente estável no nível global.

Entretanto, o homicídio praticado pela família ou por parceiros da vítima afeta desproporcionalmente as mulheres: dois terços das vítimas de homicídio globalmente são mulheres (43,6 mil em 2012) e um terço (20 mil) são homens. Quase metade (47%) de todas as mulheres vítimas de homicídio em 2012 foi morta por parceiros ou membros da família, comparado a menos de 6% das vítimas de homicídio do sexo masculino. Portanto, enquanto um grande número de mulheres vítimas de homicídio é assassinada por pessoas que se espera cuidar delas, a maioria dos homens é assassinada por desconhecidos.

Juventude em risco

Um fator que a maioria dos homens e mulheres vítimas de homicídios tem em comum é a sua relativa juventude. Os grupos de 15 a 29 anos e de 30 a 44 anos contabilizam a vasta maioria de vítimas globais dos homicídios, Quase a metade das vítimas de homicídios tem idade de 15 a 29 anos e um pouco menos de um terço tem de 30 a 44 anos. A taxa de homicídios para vítimas do sexo masculino com idade entre 15 e 29 anos na América do Sul e na América Central é mais do que quatro vezes a taxa global para esse grupo etário. Entretanto, o grupo com idade entre 30 e 44 anos está em maior risco em alguns países na América Central, Caribe e em todas as sub-regiões na Europa. O impacto desta dinâmica pode ser devastador para a segurança e para a economia, pois a morte de homens com idade entre 30 e 44 anos pode impactar desproporcionalmente as famílias, a população economicamente ativa e as estratégias de segurança.

No grupo mais jovem do recorte etário, 36 mil crianças menores de 15 anos foram vítimas de homicídio em todo mundo em 2012. Totalizando 8% das vítimas de homicídio, este grupo, juntamente com o percentual de vítimas no grupo de 15 a 29 anos (43%) indica que mais da metade das vítimas de homicídios globais são menores de 30 anos.

As várias facetas do homicídio

Baseado em elementos como premeditação, motivação, contexto, instrumentalidade e relação entre vítima e perpetrador, este estudo identifica três tipologias distintas de homicídio com o intuito de lançar luz em diferentes tipos de violência letal: homicídio relacionado a outras atividades criminais; homicídio relacionado a conflitos interpessoais; e homicídio relacionado a agendas sociopolíticas.

Homicídios relacionados a outras atividades criminais registram níveis distintos nas regiões ao redor do mundo. Atualmente, percebem-se altos índices de mortes desta natureza em áreas na América do Sul e Central, que são frequentemente ligados a violência entre grupos do crime organizado. No total, homicídios relacionados ao crime organizado e gangues correspondem a 30% dos homicídios na América, comparado a menos de um por cento na Ásia, Europa e

Oceania. Isso não necessariamente significa que o crime organizado ou gangues sejam mais predominantes na América do que em outras regiões. Além disso, homicídios relacionados ao crime organizado e a gangue podem variar dramaticamente, mesmo em curto prazo, de forma que podem conduzir mudanças nas taxas de homicídio em alguns países na América Central e Caribe. Por outro lado, homicídios cometidos durante o curso de outros atos criminais parecem ser mais estáveis ao redor do mundo, com o homicídio ligado ao roubo correspondendo a uma média de 5% de todos os homicídios na América, Europa e Oceania a cada ano.

Entretanto, nem todos os homicídios na América estão ligados a outras atividades criminais: homicídios relacionados a conflitos interpessoais também correspondem a taxas significativas de homicídio. Em Montevideu, no Uruguai, por exemplo, a taxa de homicídios interpessoais é maior do que a de homicídios relacionados a crimes; e em Quito, no Equador, as taxas dessas duas tipologias diferentes são quase idênticas. Homicídios interpessoais correspondem a uma taxa significativa de homicídios ao redor do mundo (por exemplo, Costa Rica: 54%; Índia: 48%; Suécia: 54%), e têm motivadores completamente diferentes dos homicídios relacionados a outras atividades criminais, sendo com frequência um meio de resolução de conflitos e/ou punição da vítima por meio de violência quando o relacionamento está sob tensão. Homicídios relacionados a parceiros da vítima ou à família são uma forma de crime interpessoal que afeta cada país, independentemente da riqueza, desenvolvimento e fatores de risco e proteção, que podem mitigar os níveis de violência letal. Correspondendo a 14% de todos os homicídios globais, os homicídios relacionados a parceiros e família das vítimas têm maior intensidade na América, enquanto correspondem às maiores parcelas de todos os homicídios na Ásia, na Europa e na Oceania, onde mulheres com 30 anos ou mais são as que se encontram em maior risco. Outros tipos de homicídio interpessoal, como disputas de propriedade ou assassinatos por revanche, também ocorrem em todo o mundo.

Mais difícil de quantificar que as outras duas tipologias, os homicídios relacionados a agendas sociopolíticas são cometidos com o intuito de exercer influência sobre relações de poder e para avançar agendas específicas. Este tipo de homicídio pode chamar muita atenção devido à sua natureza frequentemente chocante - como em casos de atos de terrorismo que levam a mortes - e pode representar taxas substantivas de homicídios em contextos e regiões específicas, como em contextos de pós-conflito ou durante períodos de instabilidade. Mortes relacionadas a guerra e conflitos são consideradas violência sociopolítica, mas não estão incluídas nesta categoria, já que não se inserem na esfera do homicídio doloso.

Fatores externos transversais

Um conjunto de fatores intervém no processo de execução de um homicídio. Variando da disponibilidade (ou ausência) de armas ao uso de substâncias psicoativas, que podem agir como facilitadores do crime, estes elementos podem moldar os padrões e os níveis dos homicídios, e quando eles são alvo de políticas de prevenção, os casos de homicídios podem ser reduzidos.

Nem todos os homicídios os envolvem, mas as armas possuem um papel significativo nestes crimes. Com seu alto nível de letalidade, armas de fogo são as armas mais amplamente usadas, correspondendo a quatro de cada 10 homicídios em nível global, enquanto que “outros tipos”, como força física, objetos não cortantes, entre outros, matam um terço das vítimas de homicídio, e objetos pontiagudos matam um quarto.

O uso de armas de fogo é particularmente predominante na América, onde dois terços dos homicídios são cometidos com revólver, enquanto objetos pontiagudos são usados mais frequentemente na Oceania e na Europa. Porém, nem todas as áreas com altas taxas de homicídio são associadas à alta incidência de homicídios com arma de fogo. Por exemplo, algumas sub-regiões com relativas altas taxas de homicídio, como o Leste Europeu e o sul da África, possuem taxas reduzidas de homicídio por arma de fogo, enquanto outras sub-regiões, como o sul da Europa e o norte da África, possuem baixos níveis de homicídio, porém, altos níveis deste crime cometido com armas de fogo.

Juntamente com as armas, o consumo de álcool e/ou drogas ilícitas aumentam o risco de um indivíduo de ser vítima ou perpetrador de violência. Na Suécia e na Finlândia, por exemplo, mais da metade dos perpetradores de homicídio estavam intoxicados com álcool quando cometeram homicídio. Na Austrália, dados recentes sugerem que quase metade dos homicídios foi precedido por consumo de álcool pela vítima ou pelo perpetrador, ou por ambos. Drogas ilícitas podem afetar as taxas de homicídio de modos diferentes, mas os efeitos psicofarmacológicos de certas drogas ilícitas, como cocaína e estimulantes do tipo anfetamina, são mais ligados à violência do que outros e podem ter um impacto similar ao causado por álcool nos casos de homicídio, como indicado em bancos de dados de alguns países.

Assim como a violência associada ao consumo de drogas ilícitas, a violência relacionada com o funcionamento de mercados de drogas ilícitas pode também elevar os níveis de homicídio, devido à competição entre partes envolvidas. Estudos e dados disponíveis indicam que o cultivo, produção, tráfico e venda de drogas ilícitas podem estar acompanhados de altos níveis de violência e homicídio. Entretanto, essa relação não acontece em todas as situações porque o *modus operandi* de um grupo de crime organizado, assim como a resposta das autoridades estatais, pode determinar os níveis reais de violência homicida envolvida com o tráfico de drogas.

Homicídio, violência e conflito

Em países saindo de conflitos internos, é difícil distinguir a violência letal que é reflexo do conflito, ou uma continuidade de baixa intensidade do conflito, da violência de outra natureza, principalmente se o conflito não foi totalmente resolvido. Reduzir a violência em países que saíram de um conflito vai além da necessidade de lidar com as raízes do conflito para incluir ações de prevenção de surtos de violência resultantes de crimes organizados e de violência interpessoal, que podem emergir em situações de países com Estado de Direito fraco.

Esse estudo apresenta resultados de países selecionados baseado na disponibilidade de dados, que mostram que este crime é um importante componente de violência em países saindo de situações de conflito, e que esta violência relacionada ao crime pode virar um fator

significativo na segurança pública desses países. A análise é baseada em situações do Afeganistão, Haiti, Iraque, Libéria, Serra Leoa e Sudão do Sul, que têm tido diferentes experiências nos anos que se seguiram aos conflitos em seus territórios, e também como todos os esforços relacionados ao crime e aos seus facilitadores.

No Afeganistão e no Iraque os conflitos podem estar facilitando outros tipos de violência ou mascarando as diferenças da violência praticadas por não partes do conflito. No Afeganistão, as casualidades civis relacionadas ao conflito tem diminuído desde 2010 enquanto os homicídios têm aumentado. O Iraque que tinha uma taxa estimada de homicídio de 8 a cada 100 mil habitantes em 2012 tem experimentado um aumento na violência relacionada a conflitos desde o início de 2013 sendo que a maior parte das mortes é de civis.

Dados do Haiti e do Sudão do Sul mostram a que a volatilidade causada pelo conflito pode minar a implementação do Estado de Direito e apresentar oportunidades para que o crime (organizado ou não) se instale. A taxa de homicídios no Haiti dobrou de 5.1 em 2007 para 10.2 a cada 100 mil habitantes em 2012, sendo grande parte desses homicídios motivados por altos níveis de violência e de atividades de gangues na capital Porto Príncipe, onde 75% de todos os homicídios da região ocorreram.

No Sudão do Sul, a grande facilidade para se obter armas de fogo aumentou a letalidade associada com os roubos de gado, particularmente no Triângulo de Wunlit onde a taxa de homicídios em 2013 era de mais de 60 por 100 mil habitantes, figurando entre as mais altas do mundo. Uma melhora gradual na segurança é um desenvolvimento encorajador em Serra Leoa e na Libéria, onde os processos de reconciliação e políticas dedicadas a lidar com o crime estão resultando em uma melhora gradual da situação de segurança.

Os dois países continuam a sofrer com locais onde há uma concentração de homicídios - particularmente nas capitais das cidades - e a maior parte da matança é ligada à violência interpessoal. Respondentes de pesquisas recentes sobre vitimização temem crimes violentos, mas, em Serra Leoa, ainda que mais de 50% da população que respondeu à pesquisa tenha passado por ataques, a maior parte sente que os níveis de crimes violentos têm diminuído nos últimos três anos. Liberianos entrevistados também sentiram que o governo tem tido sucesso em reduzir o crime, no entanto, a justiça da máfia foi citada como motivadora de 15% dos homicídios registrados na região em 2012.

Responder ao crime e aos homicídios em todas as suas formas é crucial para países emergindo de conflitos, já que a violência relacionada ao crime pode subir para níveis semelhantes àqueles dos tempos de conflito. Grupos criminosos organizados podem explorar vácuos de poder deixados ao fim de um conflito antes de instituições fortes assumirem, e a impunidade pode minar ainda mais a confiança pública nas autoridades de justiça.

Justiça e Prevenção

A análise da capacidade dos sistemas de justiça criminal para trazer autores de homicídios à justiça é um elemento importante na determinação de uma responsabilidade central do Estado assim como no entendimento de um fator que contribui para os níveis e tendências de homicídios. Um sistema efetivo de justiça criminal que assegure investigação rigorosa e julgamento justo de suspeitos de homicídio é um pré-requisito para a defesa do Estado de Direito e para a promoção de justiça às vítimas de homicídio, ao mesmo tempo em que a impunidade dos perpetradores pode, inversamente, contribuir para que mais homicídios ocorram.

A eficiência e efetividade da resposta da justiça criminal pode ser medida por uma série de indicadores como: casos de homicídio solucionados pela polícia e pessoas presas e condenadas por homicídio. Esses são indicadores quantitativos, e, portanto, dados desse tipo não fornecem informações sobre aspectos qualitativos fundamentais da administração da justiça criminal, como a qualidade das investigações, o direito à assistência jurídica, à equidade de procedimentos ou a duração dos julgamentos. No nível global as forças policiais tendem a responder prontamente a casos de homicídio. Prova disso é que em um pouco menos de 60% dos casos elas são capazes de identificar um ou vários suspeitos de cometer um homicídio em particular, permitindo que o caso siga para o Ministério Público. Existem disparates regionais significantes, no entanto: 80 e 85% respectivamente dos casos de homicídio são resolvidos dessa maneira na Ásia e na Europa e 50% na América.

Um indicador importante da resposta da justiça criminal ao homicídio é a taxa de condenação, que a nível global é de 43 perpetradores condenados para cada 100 vítimas de homicídio doloso. Nesse caso, no entanto, as disparidades regionais são ainda maiores do que no caso das taxas de solução dos crimes mencionadas acima, com uma taxa de condenação de 42 a cada 100 vítimas na América, 48 na Ásia e 81 na Europa.

O nível de impunidade por homicídio na América é, portanto, alto, o que pode ser explicado parcialmente pelo fato de que a grande intensidade de homicídios acaba drenando os recursos da justiça criminal. Mais ainda, os homicídios na América frequentemente estão ligados ao crime organizado ou a atividades de gangues, que geralmente tem menores taxas de solução e condenação em comparação com outros tipos de homicídio, como aqueles relacionados a parceiros ou à família ou outros tipos de homicídio interpessoal. A tendência descendente na taxa de convicções na América em anos recentes é particularmente alarmante na medida em que as tendências de homicídio crescentes desde 2007 não têm sido equiparadas por níveis similares de condenações, significando que a impunidade relacionada ao homicídio cresceu na América recentemente.

Homicídio e violência também desempenham um papel importante no estágio final do processo de justiça criminal. Independentemente dos diferentes níveis de homicídio, a parcela de criminosos homicidas entre a população carcerária não se diferencia tanto entre as regiões: na Europa e nas Américas fica entre 7 e 10% enquanto na Ásia é um pouco menos (4%). Em termos das populações carcerárias totais, a parcela de homicidas é notável e impõe desafios

para os administradores das prisões. Por exemplo, em países com dados disponíveis na América, a taxa de homicídios por 100 mil prisioneiros é três vezes maior do que a taxa na população em geral. Por meio desse estudo, exemplos de políticas e de legislação são oferecidos para demonstrar a efetividade e o impacto de programas de intervenção direcionados e estratégias para prevenção e redução de homicídios nos mais diversos níveis. Por exemplo, tratados globais como o Tratado de Comércio de Armas, adotado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em abril de 2013 e que visa regular e aperfeiçoar a legislação acerca do comércio de armas convencionais para prevenir, desorganizar e erradicar o comércio ilegal dessas armas, são promulgados pela comunidade internacional a fim de contribuir para a prevenção da violência letal.

No nível nacional, legislação sobre armas de fogo e facas que restringem a disponibilidade, o acesso e o uso tem sido implementada em diversos países com níveis variados de sucesso na prevenção e redução de homicídios cometidos com essas armas. Políticas municipais, incluindo aquelas que restringem os horários de funcionamento de locais licenciados para vender bebidas alcóolicas e outras monitorando as vítimas de violência relacionadas aos parceiros ou familiares têm se mostrado eficientes para reduzir o número de homicídios nas áreas em que foram implementadas. Além disso, estratégias de policiamento implementadas em bairros também demonstraram sucesso em atingir as áreas mais violentas e em aumentar a segurança da comunidade.

Desafios relacionados aos dados

Políticas e estratégias de prevenção como as mencionadas acima se beneficiam da obtenção de dados confiáveis e da análise estatística de homicídios e de outros tipos de crimes, que aprofundam o entendimento acerca dos motivadores da violência e podem informar os formuladores de políticas públicas sobre a melhor forma de direcionar recursos limitados para lutar contra os crimes violentos.

O *Estudo Global sobre Homicídios 2013* é baseado no banco de dados das Estatísticas de Homicídios do UNODC (2013) compilados a partir de uma variedade de fontes nacionais e internacionais, cobrindo 219 países e territórios. Esses dados são derivados ou dos sistemas de justiça criminais ou de saúde públicos, cada um registrando dados a respeito dos homicídios dolosos de maneiras diferentes. Como resultado, os dados têm diferentes validades, precisões, abrangências e níveis de comparações internacionais, mas este estudo enfatiza os pontos fortes das duas fontes.

Desde a publicação do *Estudo Global sobre Homicídios 2011*, a disponibilidade de dados sobre homicídios dolosos aumentou. O número de países e territórios que dispõe de dados consistentes sobre o número de vítimas de homicídios, assim como a segmentação por idade, sexo, modo de matar e o contexto em que o homicídio ocorreu cresceu, e uma série temporal mais longa está disponível em vários casos. No entanto, existe muito trabalho ainda a ser feito para que os dados continuem a melhorar. O trabalho metodológico em andamento para

desenvolver a Classificação Internacional de Crimes para Propósitos Estatísticos (International Classification of Crime for Statistical Purposes -ICCS) fornecerá pela primeira vez uma definição e uma classificação internacionalmente aceita de homicídio doloso e guiará assim a produção de dados sobre homicídios por sistemas nacionais estatísticos.

No nível nacional, esforços maiores serão necessários para coordenar e harmonizar a produção de estatísticas de homicídio por todas as instituições parceiras relevantes tanto do setor da justiça criminal quanto do de saúde pública. O progresso obtido na última década na produção e coleta de dados sobre homicídios tem possibilitado que esses dados sejam largamente utilizados para monitorar a segurança e o crime nos níveis global, regional e nacional. Esforços maiores e mais focados especialmente na África, Ásia e Oceania são necessários para completar lacunas ainda existentes.

Capítulo por Capítulo

Esse estudo é estruturado em seis capítulos assim como em dois anexos que apresentam a metodologia e os dados e uma lista de referências para cada capítulo.

O Capítulo 1 proporciona um resumo dos homicídios dolosos desde o nível global até o subnacional assim como as perspectivas de idade e sexo e as tendências dos homicídios de 1955 até o presente.

O Capítulo 2 apresenta uma classificação que divide os homicídios em três tipologias diferentes a fim de lançar luz nas diferentes formas de crimes violentos: homicídios relacionados a outras atividades criminosas; homicídios relacionados a conflitos interpessoais; e homicídios relacionados com agendas socio-políticas.

O Capítulo 3 analisa os mecanismos homicidas e os motivadores observando as diversas armas e o papel das substâncias psicoativas. Também apresenta uma visão geral da violência sistemática associada com o mercado de drogas ilícitas.

O Capítulo 4 observa os homicídios e a violência em países recém-saídos de conflitos para dar aumento a compreensão em relação aos desafios associados com o legado da violência e para entender o papel das diferentes tipologias homicidas nesses cenários.

O Capítulo 5 foca na resposta do sistema de justiça criminal aos homicídios em termos de casos resolvidos pela polícia, pessoas presas e condenadas por esse crime. Também analisa o homicídio no ambiente prisional.

O Capítulo 6 apresenta os desafios enfrentados quando se pesquisa os homicídios, particularmente no que se diz respeito a disponibilidade, qualidade e comparabilidade dos dados.